

EDUCAÇÃO E A DIVERSIDADE NA PANDEMIA

Carlos Alberto Machado Gouvea

Eujacio Batista Lopes Filho²⁸

Neila Souza Leite

Em busca de entender o fenômeno educacional que se apresenta com a pandemia da covid-19, podemos dizer que a mutação que mais assusta não é a do vírus e sim, a que devemos promover em nosso fazer educacional. Estamos atônitos, sobressaltados, pegos de “calças curtas”. Até mesmo o famoso jeitinho brasileiro não dá vasão aos desafios da nossa realidade atual.

Os vírus já circularam entre professores e alunos ainda na época colonial, com as primeiras escolas indígenas, onde milhares de índios morriam enquanto os europeus, à força, lhe ensinavam a língua portuguesa.

Ainda sofremos com pandemias de febre amarela e gripe espanhola, porém nada tão violento quanto à covid-19. Nessa versão atual, o vírus não faz distinção a quem irá tornar vítima fatal, pelo contrário: crianças, adultos, velhos, homens e mulheres, alguns mais do que outros, assim, o vírus não faz distinção de raça, cor ou posição social.

O maior desafio para a educação do ser humano no momento atual, como diria Darwin, é a capacidade de adaptação ao meio ambiente em constante modificação.

Em nosso meio, um mar de especialistas, todos com a velha e boa receita de bolo revestido de interesses pessoais, econômicos ou políticos. Na verdade, somos todas cobaias, diretores, alunos, professores e

Mestrando em Ciências da Educação, na Universidade Columbia-Py. Especialista em Povos Indígenas da Amazônia, UFPá (2013), Graduado em Educação Física, UEPá,(1995). E-mail carlostuc@gmail.com

²⁸ Graduado licenciatura Intercultural, UFMG, (2014). Compõe o grupo de líderes Pataxó desde 1999. Membro da Coordenação de Pesquisa da História, Cultura e Língua Pataxó E-mail karkajupataxo@gmail.com

Especialista em Administração, Orientação e Supervisão Escolar, UNIASSELVI (2018). graduada em Educação Física, UEPá, (2014). Vinculo, SEMED, Tucuruí, Pará. E-mail neilas.leite@gmail.com

demais trabalhadores, repetiremos o experimento que houve quando os europeus trouxeram seus vírus a 500 anos atrás.

Minha primeira impressão pode até parecer pessimista, mas até aparecer uma vacina que dê conta de imunizar a comunidade escolar, estaremos em um mundo inexplorado, sempre experimentando.

A pandemia serve de aviso que o sistema educacional que vivemos, não dá conta da nova geração de humanos. Quando falo que fomos pegos de “calças curtas” é porque jogamos no peito de nossos professores e alunos, um sistema de ensino aprendizagem, que já deveria ser o cotidiano no fazer educacional. Na verdade, ainda ensinamos nossos alunos, que são das gerações Y e Z, como se fossem da geração Baby Boomer.

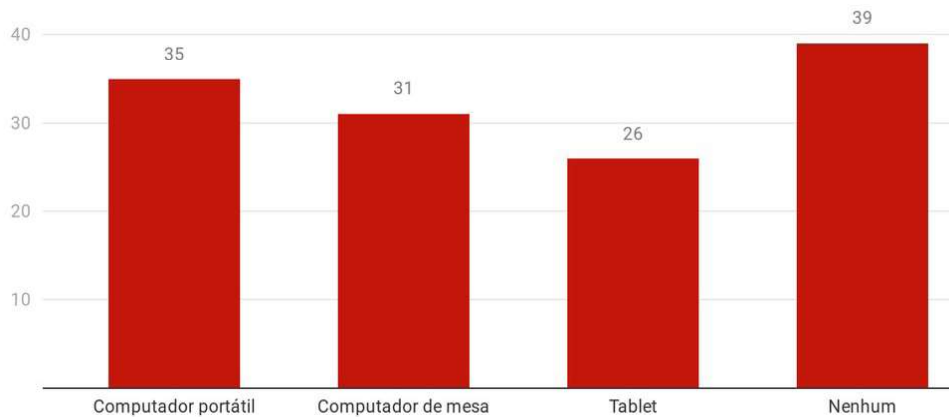
A covid-19, não expõe somente as vísceras de um sistema educacional falido, ela também expõe a diversidade escolar em suas nuances menos percebidas, como por exemplo, a diversidade econômica e da cultura digital.

O sistema emergencial de ensino pressupõe que todos os cidadãos tem acesso a computador, celular, internet e que todos tem expertise com as novas tecnologias. Com efeito, uma escola que não prepara seus alunos para as novas tecnologias não deveria pressupor que os mesmos a conheçam, por outro lado, o fato que exista mais celulares que seres humanos no planeta, não quer dizer que todos os alunos tenham acesso a um aparelho deste tipo.

As escolas, na visão de quem têm mais de vinte anos de profissão, empilham milhares de livros, que pouco interesse dá aos alunos que vivem no mundo midiático das redes sociais. Dessa forma, mais uma vez corroboro que estar envolvido com as novas tecnologias nem sempre significa ter domínio ou posse da mesma, instrumentalmente falando. A TIC Educação 2019, em sua recente pesquisa, aponta que 39% dos alunos das escolas públicas não têm tablete ou computador em casa, sendo que para alunos das escolas particulares, esse índice é de 9%, o que põe em dúvida a equidade do ensino remoto, levando em conta essa diversidade econômica e da cultura digital.

Disponibilidade de computador no domicílio, em %

Respostas dadas por alunos de escolas públicas urbanas à pesquisa TIC Educação



Fonte: TIC Educação 2019

Esse fenômeno é percebido ao colocarmos em prática, nossas aulas online, onde grande parte dos alunos não participam e se desculgam por não estarem preparados e/ou equipados. Devemos entender que a pandemia trouxe junto com ela o desemprego e a exclusão social, onde quem tem mais recursos, tem mais oportunidades, mais possibilidades. A diversidade econômica a que me refiro à cima, tem haver com a capacidade de se armar dessas tecnologias, onde quem tem melhor poder aquisitivo continua estudando e quem não tem abandona.

“Em outras palavras, não basta a natureza criar indivíduos altamente inteligentes, isto ela o faz com frequência, mas é necessário que coloque ao alcance desses indivíduos o material que lhes permita exercer a sua criatividade de uma maneira revolucionária”. LARAIA (1932, p. 25).

Na verdade, muitos desses milhares de alunos que engrossam a estatística de evasão escolar na pandemia, são aqueles excluídos economicamente. Em outra perspectiva, podemos observar que outra grande parcela dos evadidos durante a pandemia, são aqueles excluídos da cultura digital, que estão atrelados, não voluntariamente, mas de forma muito forte ao sistema tradicional, onde mesmo tendo condições materiais de ter acesso as tecnologias não conseguem adaptar-se ao novo sistema educativo. Estamos vivendo a seleção natural de Darwin, onde

os mais fortes e mais adaptáveis sobreviveram a esse novo ambiente proposto pelo vírus, no sentido biológico e educacional.

O VIRUS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Por volta dos anos 1500, na Europa, havia um movimento reformista que repartia a igreja católica e dava início ao protestantismo, movimento iniciado pelo padre Martinho Lutero, que obrigou a igreja católica a buscar novos fiéis em outras partes do mundo. Desse movimento surgiu a Companhia de Jesus, que enviara padres aos mais longínquos redutos da colonização europeia. Essa política da igreja católica trouxe ao Brasil, em 1549, os padres Jesuítas, que combinados com a coroa portuguesa, vieram apaziguar e ensinar a língua portuguesa aos indígenas.

Segundo Azzi (1981, p. 22) [...] “na mente dos reis de Portugal, o que importava, sobretudo era estabelecer na colônia brasileira um Estado Católico, prolongamento do reino lusitano”.

Dessa forma, os padres poderiam também converter os índios a religião católica, e assim dominar geograficamente novos espaços ao cristianismo. Diga-se de passagem, que 40 anos antes dessa data, os índios eram tidos como animais e só passaram a condição de humanos, depois da bula papal *Sublimis Deus*, do Papa Paulo III.

[...] não passavam de cães em se comerem, e matarem e são porcos, por vícios, e na maneira de se tratarem, e esta deve ser a razão, por que alguns padres, que do reino vieram, os vejo resfriados, porque vinham cuidando de converter a todo o Brasil em uma hora e vem-se que não podem converter em um ano por sua rudeza e bestialidade. (NÓBREGA, 1988, p. 320).

Esse momento educacional brasileiro foi um choque cultural, visto que o sistema milenar da educação oral teria que mudar para a escrita. De certa forma, foi uma violência muito grande, porquanto que os povos indígenas não precisavam de códigos alfa numéricos para entender a vida e a sua cultura. A alfabetização forçada dos povos

indígenas teve consequências desastrosas para a cultura dos povos tradicionais brasileiros.

Educação pode dar-se muito bem sem alfabetização. Alfabetização, no entanto, nem sempre assegura uma boa educação. As sociedades indígenas brasileiras, como, aliás, muitas outras sociedades em todo o mundo, se educaram perfeitamente durante séculos sem recorrer à alfabetização, conseguindo, com meios quase que exclusivamente orais, criar e transmitir uma rica herança cultural. A educação baseada na comunicação oral até apresenta não poucas vantagens sobre a baseada na escrita. (MILEÁ, 1979, P7).

Ao chegarem às terras americanas, os colonizadores, além de trazerem sua língua, sua fé e seu modo de vida, também trouxeram vírus mortais, aos quais os índios não tinham imunidade. Dessa forma, os “alunos” se infectavam e muitos morreram nesse processo. Como a covid-19, os vírus daquela época dizimaram milhões de índios e só pouparam os estrangeiros que já tinham imunidade a doença.

Não havia álcool gel, nem protocolos especiais, e as mortes eram debitadas aos pecados cometidos e a falta de fé.

[...] seu pecado foi castigado por uma peste tão estranha que por ventura nunca nestas partes houve outra semelhante [...] alguns querem dizer que se pegou da nau em que veio o padre Francisco Viegas, porque comelou nos Ilhéus, onde ela foi aportar [...] a mortandade era tal que havia casa que tinha 120 doentes e a uns faltavam já os pais, a outros os filhos e parentes e, o que pior é, as mães, irmãs e mulheres, que são as que fazem tudo [...] faltando elas não havia quem olhasse os doentes, havia muitas mulheres prenhes que tanto que lhes dava o mal as debilitava de maneira que botavam a crianças [...] e destas prenhes quase nenhuma escapava por toda a terra, nem menos as crianças. [...] Finalmente chegou a coisa a tanto que já não havia quem fizesse as covas e alguns se enterravam arredor das casas e tão malenterrados que os tiravam os porcos [...] e o que é mais para

doer, que muitos morriam sem confissão e sem batismo, porque era impossível acudir a dois padres a tanta multidão [...] se morriam 12, caíam 20 [...]. Bem me parece que em cada uma daquelas três aldeias morreria a terceira parte da gente porque só em Nossa Senhora da Assunção haverá dois meses que ouvi dizer que eram mortas 1.080 almas, e com tudo isso diziam os índios que não era nada em comparação da mortalidade que ia pelo sertão adentro [...] (GURGEL, 2010, p. 124).

Outros momentos tensos tiveram o Brasil com as epidemias de febre amarela, em 1850 que começou com um grande surto no Rio de Janeiro. Teve origem no continente Africano, de onde se espalhou para a América através dos navios negreiros, no século XVII.

[...] corpos eram enterrados nas igrejas, no Centro da cidade; animais mortos eram atirados às ruas; por todos os lados havia monturos de lixo e valas a céu aberto; matadouros, açougues, mercados eram perigosos tanto do ponto de vista da integridade dos alimentos como por serem potenciais corruptores do ar; fábricas, hospitais e prisões se igualavam na ausência de regras higiênicas e disciplinares. (BENCHIMOL, 2001, P. 30).

Nesse período da história educacional brasileira, havia um grande discurso higienista, porém, não havia nas escolas, nenhum protocolo ou diretriz para minorar o contágio da doença. As instalações escolares da época propiciavam ainda mais chances de contágio, posto que, eram pouco ventiladas e com superlotação. A educação, na época, estava quase que totalmente nas mãos de particulares, em casas de moradia adaptadas para funcionar como escolas.

Nesta mesma época, José da Costa Carvalho (Ministro do Império, Visconde de Mont'Algre), não faz referência a epidemia, em seu relatório referente ao ano de 1850, mas lamenta o estado da Educação Geral no Império, e a falta de edifícios apropriados para o ensino, assim como na falta de inspeção nas escolas das freguesias mais distantes. (BRASIL, 1851, p.5).

Tanto o município do Rio de Janeiro quanto o governo provincial da época, não se investiam em políticas públicas para a educação popular. Os colégios Jesuítas mais avançados, sempre foram privilégio de uma minoria. Os negros, índios, mamelucos e mulatos eram impedidos de avançar nos estudos.

A escola, “[...] é um produto de cada tempo, e suas formas construtivas são, além dos suportes da memória coletiva cultural, a expressão simbólica dos valores dominantes nas diferentes épocas” (FRAGO; ESCOLANO, 1998, p. 47).

Em outro período de nossa história, tivemos uma pandemia bem mais parecida com a que vivemos em 2020, falo da gripe espanhola, de 1918. Era o vírus Influenza, do tipo H1N1. Não havia álcool gel, porém assim como a covid-19, foram adotados protocolos como uso de máscaras e distanciamento social, estima-se que o número de mortes possa ter chegado a 8% da população. Nada muito diferente ao fenômeno de 2020. Escolas foram fechadas e alunos de todo o Brasil foram aprovados para que não houvesse atraso do processo escolar.

Como em 2020, muitos morreram e nem sequer tiveram sua morte documentada como “gripe espanhola”, devido ao caos instaurado no país.

Qualquer historiador que procure reconstruir um quadro noológico das sociedades passadas enfrentará inúmeros desafios. É a ausência de padronização dos registros, pois em alguns períodos o documento apresenta riqueza de detalhes e em outros, sequer a causa da morte é registrada. (MAGALHÃES, 2004: 119)

De fato, deveríamos aprender com nossos erros, e saber que a quebra da rotina terminará e todos “quase todos” retomarão suas vidas. A história nos ensina que a cada dificuldade, sempre saímos mais fortes, devemos superar a covid-19 e nos organizar para uma próxima pandemia.

NOVOS ATORES DA APRENDIZAGEM A DISTÂNCIA

A aprendizagem a distância não é uma coisa nova no Brasil, na verdade já a muito tempo, em 1904, com os cursos ofertados pelo Jornal do Brasil para datilógrafos. Em 1923, foi criada a Radio Sociedade do Rio de Janeiro, que oferecia cursos de línguas, e em 1939, com a criação do Instituto Monitor, que oferecia capacitação profissional pelo correio, é que a educação a distância já se inseria nas vidas de educandos. Mais contemporaneamente, temos os cursos superiores ofertados por universidades especializadas em ensino EAD.

[...] A educação à distância será parte natural do futuro da escola e da universidade. [...] parece definitivo que o meio eletrônico dominará a cena. Para se falar em educação à distância é mister superar o mero ensino e a mera ilustração. Talvez fosse o caso distinguir os momentos, sem dicotomia. Ensino à distância é uma proposta para socializar informação, transmitindo-a de maneira mais hábil possível. Educação à distância, por sua vez, exige aprender a aprender, elaboração e consequente avaliação. Pode até conferir diploma ou certificado, prevendo momentos presenciais de avaliação. (DEMO, 1994, p. 60).

No caso específico da pandemia da covid-19, tornou-se imperativo a inserção, em caráter provisório, da modalidade EAD – Ensino a Distância, para suprir as necessidades imediatas dos alunos em processo de ensino e aprendizagem. Os professores foram apanhados de surpresa ao ter que, de uma hora para outra, entrar no mundo dos vídeos e das redes sociais, para poder ministrar suas aulas. Logicamente, que alguns estavam preparados, todavia uma grande maioria teve e tem muitas dificuldades em trabalhar na frente das câmeras.

Sabemos que, algumas pessoas tem fobia à exposição nas mídias, e isso está sendo um grande tabu para muitos professores. De outra forma, também tem as intermináveis ligações e mensagens dos pais e alunos em busca de informações, muitas das vezes sem relação com a disciplina e em horários inconvenientes. É de se esperar que adequações

sejam feitas e que os professores e alunos não tenham que pagar do próprio bolso, a manutenção do sistema emergencial que se apresenta.

O NOVO NORMAL

O mundo inteiro está fazendo as mesmas perguntas: Como será o novo normal? Será que voltaremos à mesma rotina ou será que faremos diferente? Será que aprendemos alguma coisa com a pandemia? E a escola? Estamos preparados, conscientizados para o distanciamento social? O ensino a distância chegou para ficar? Será que haverá uma segunda ou terceira onda do v rus?

O distanciamento social na escola é uma grande incognita do ponto de vista da diversidade. A teoria aponta para um fazer mais solidário, para um ser mais solidário, mas a história nos mostra que o ser humano está bem longe desse ser imaginário.

Como serão as relações entre as pessoas? Agora sabemos que somos diferentes, mas partilhamos de um mesmo futuro. Devemos usar a pandemia como uma lição de humildade e fazer um novo futuro, onde ser diferente é normal e positivo. O fato é que saímos da nossa “zona de conforto”. Se posso dizer que todos em uma escola se sentem confortáveis? Nosso fazer será direcionado a um novo tipo de relações interpessoais. E como será? Sabemos que em uma escola existem vários tipos de pessoas, tribos, raça, grupos e gêneros, que geralmente têm seu próprio jeito de se relacionar, entre si e com os outros.

Sabemos que a homogeneização, historicamente, não nos trás boas lembranças, mas torcemos por um denominador aceitável, para o bem da comunidade escolar. Cury (2008, p. 219) defende, ao falar da diversidade na escola, que:

Estamos diante de um desafio instaurador de um processo que amplia a democracia e educa a cidadania, rejuvenesce a sociedade e irriga a economia. Estamos diante da necessidade de uma saída urgente para a educação de qualidade. Uma saída que obedeça aos ditames da razão que a educação inaugura. O Estado que não assume essa via decreta

sua perdição. A sociedade que não busca essa saída aceita a autoridade da submissão e refuga o caminho da autonomia. (CURY, 2008, p. 219)

O Brasileiro, por ser muito espontâneo e sempre buscar o contato corporal, terá grandes dificuldades de adaptação ao novo modelo educacional, a rotina regrada da nova escola sem dúvida testará a paciência de muitos meninos e meninas normalmente hiperativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto teve o intuito de fomentar a discussão à diversidade na pandemia da covid-19, para análise das possibilidades de desenvolvimento de ações que vise salvaguardar os diferentes, no chamado “novo normal”, tomando como meta as políticas educacionais propostas para o acolhimento da diversidade.

Vimos que as “minorias”, os diferentes historicamente, sempre estiveram oprimidos pelas classes dominantes desde o Brasil Colônia com a educação Jesuítica, implantando subalternização cultural, até os dias atuais.

Espera-se minimamente, que avanços na direção do reconhecimento das diferenças não sejam atropelados por medidas homogeneizadoras direcionadas pelas novas regras a serem adotadas na volta as aulas. Precisamos de medidas para a manutenção da higiene e não o higienismo do século XIX.

O novo Corona V rus se espalha de maneira exponencial e tem o poder de contágio bem maior que a gripe comum. O risco de colapso no sistema educacional, em nosso país é visível. Porém, é prematuro devolver alunos e professores às escolas sem a imunização adequada. Outros problemas se somam forçando a volta aos bancos escolares como: depressão, violência e a fome de alunos que estão presos em casa, obrigando de certa forma, até mesmo aos especialistas de saúde a optarem pela volta às aulas para frear a onda de males advindos do confinamento.

A humanidade teve suas estruturas abaladas pela covid-19, em 2020. Que fiquem as lições, posto que nossas mazelas estão a mostra. Um aprendizado cruel se faz necessário ao percebermos que nosso sistema educacional é falido e tão pouco flexível. Precisamos fazer educação para a geração atual e não ficarmos ligados eternamente ao passado conhecido e “seguro”.

Precisamos ousar e passar de uma vez para a era digital, não de forma abrupta como fizeram na passagem da oralidade para a escrita, mas de maneira que no futuro, não sejamos mais pegos, mais uma vez, de “calças curtas”. Será muito mais danoso se sairmos dessa crise educacional sem termos aprendido nada.

REFERENCIAS

AZZI, R. (1981). A teologia no Brasil: considerações históricas. In P. Richard (Org.), *História da teologia na América Latina* (p. 21-42). São Paulo, SP: Paulinas.

BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. Núcleo da Informação e Coordenação do Ponto BR - NIC.br.

BENCHIMOL, Jaime L. Pereira Passos, um Haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992

BRASIL. Ministério do Império. Relatórios apresentados à Assembléia Geral Legislativa. Rio de Janeiro: Typ Laemmert, 1850- 1889.

DEMO, P. Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

DARWIN, C. **A Origem das Especies**. Hemus – Livraria Editora Ltda, São Paulo, SP.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GURGEL CBFM, Lewinsohn R. Índios, Jesuítas e Bandeirantes. O uso das Plantas Medicinais no Brasil Colonial. **Anais de Historia de Alem Mar** X: 113-127, 2009.

Gurgel C. Doenças e Curas. **O Brasil nos Primeiros Seculos**. São Paulo, Editora Contexto, 2010.

LARAIA, R.B. Cultura – um conceito antropológico. 11.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1997.

MAGALHÃES, Sônia Maria de. Alimentação, saúde e doenças em Goiás no século XIX. Franca, Tese (Doutorado em História), Unesp, 2004.

NÓBREGA, Manuel da. Cartas do Brasil. Tradução de João Ribeiro Fernandes. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil, ano 2019. <<Disponível em: <http://cetic.br/arquivos/kidsonline/2019/pais>>>